

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

Além do fim da 6x1, Alcolumbre desengaveta a PEC da Segurança

A coluna antecipou ontem que a descoberta de petróleo no litoral do Amapá serviu para destravar a PEC da Segurança. Foram apontadas a comemoração a bordo do navio-sonda da Petrobras no Oiapoque, na segunda-feira, 17, e a troca de medidas e agradecimentos entre os presidentes da República, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), e do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP). Os dois tinham rompido depois que os senadores barraram a indicação do advogado-geral da União, Jorge Messias, para ministro do Supremo Tribunal Federal (STF). Dizia o texto:

“Alcolumbre enviou a PEC [Proposta de Emenda Constitucional] da 6x1 para a Comissão de Constituição e Justiça. O presidente da CCJ, Otto Alencar (PSD-BA), já declarou que irá pautá-la imediatamente na Comissão. E os líderes do centrão também avisaram que a franca maioria dos integrantes de suas bancadas votará pela nova jornada de trabalho.”

O que a coluna não disse é que, junto com a derrubada da 6x1, Alcolumbre também despachou, para início de tramitação na Casa, a PEC da Segurança Pública e o projeto que cria a Política Nacional de Minerais Críticos.

O fim da jornada é o projeto de maior apelo eleitoral e a decisão de Alcolumbre dá novo ânimo ao governo para votação da matéria

antes das eleições de outubro. Mas a PEC da Segurança e a Política Nacional de Minerais Críticos também são consideradas peças importantes para a campanha eleitoral.

Em seus primeiros atos da campanha à Presidência, no domingo, 16, tanto Lula quanto Flávio Bolsonaro elegeram o tema da segurança como eixo de seus discursos. Em São Bernardo do Campo, Lula prometeu prender os líderes do crime organizado e defendeu a aprovação da PEC. Repetiu que, assim que o projeto for aprovado no Congresso, ele irá criar o Ministério da Segurança. No mesmo dia, no ato do Rio de Janeiro, na praia de Copacabana, Flávio Bolsonaro lançou sua candidatura com críticas duras ao governo federal justamente no campo da segurança.

Já a aprovação da Política Nacional de Minerais Críticos será usada na campanha como peça do discurso de defesa da soberania do país e como arma de negociação com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que precisa de minerais críticos para a corrida contra a China pela produção de produtos de alta tecnologia. A China detém as maiores reservas de terras raras do planeta e o Brasil está em segundo lugar.

O clima positivo do Oiapoque, levou Alcolumbre a também aderir ao discurso do Planalto de defesa da soberania nacional. Ao comemorar a descoberta de petróleo, ele tomou o microfone e afirmou: “Sob a sua liderança e com a trincheira de defesa do Congresso Nacional, nós dizemos de uma vez por todas: deixem que nós, brasileiros, que lutamos pela defesa do nosso Brasil, que nós decidamos o que nós queremos do Brasil.”

FERNANDO MOLICA

Jornalista e Escritor

Ritmo suspeito de investigações

Os diferentes ritmos de investigações capazes de influenciar as eleições permitem ao menos a suspeita de que nem todas caminham de um jeito não influenciado por interesses políticos.

Depois do abalo gerado na campanha do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) à Presidência e das suspeitas relacionadas ao também senador Jaques Wagner (PT-BA), o caso Master parece ter tomado o tal de chá de sumiço tão citado por nossos avós.

Nunca mais se falou na história do suposto financiamento do filme “Dark Horse” que teria gerado o pedido de grana feito por Flávio ao amigãozão Daniel Vorcaro.

Citados em apurações relacionadas ao escândalo do banco, os ministros Dias Toffoli e Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, também deixaram de ser mencionados, as fontes parecem ter secado.

Como no velho mote publicitário, o nome do presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), também parece ter sido beneficiado pelos milagrosos efeitos de um doril capaz de combater ataques da Polícia Federal. O relator do caso Master é o ministro André Mendonça.

Em compensação, houve uma sequência de atos relacionados a investigações sobre Fábio Luís Lula da Silva. Vazamentos indicam que é preciso apurar o suposto de tráfico de influência que teria sido praticado pelo primogênito do presidente Lula (PT), mas, até agora, sequer ficou evidenciado o motivo de os inquéritos

terem sido autorizados pelo STF e não na primeira instância. Filho de presidente não tem prerrogativa de foro.

Seria absurdo criar uma espécie de defeso eleitoral que impedisse investigações de políticos e afins em anos em que somos chamados às urnas. Melhor investigar do que fazer como o Ministério Público do Rio que, em 2018, demorou meses para iniciar a apuração de movimentações financeiras suspeitas no gabinete do então deputado estadual Flávio Bolsonaro.

Naquele mesmo ano, a Polícia Federal teria adiado uma operação contra Fabrício Queiróz, amigãozão de Jair Bolsonaro, para que este não fosse prejudicado às vésperas do segundo turno da disputa pela Presidência. A acusação partiu de Paulo Marinho, que seria eleito suplente de Flávio no Senado.

O fundamental é impedir que as polícias, o MP e o Judiciário possam administrar o andamento de investigações como guardas de trânsito capazes de definir a velocidade com que veículos poderão se mover.

Não é razoável também dar a integrantes dessas instituições o direito de buscar uma espécie de equilíbrio na liberação de pancadas, como quem distribui ingredientes em uma pizza. Golpes têm que corresponder ao avanço de investigações.

É complicado falar em equilíbrio institucional em um país em que ministro do STF atua para pacificar relações entre dois políticos que, no limite, podem ser alvos da corte, como os presidentes da República e do Senado. Mas não custa tentar, até para evitar que eleições, assim como casamentos de festas juninas, acabem decididas pelo delegado de polícia.

EDITORIAL

O legado das grandes damas da TV e do teatro

Há artistas que atravessam gerações não apenas porque permanecem em cena, mas porque ajudam a transformar a própria ideia do que significa atuar. Laura Cardoso e Glória Menezes pertencem a essa rara linhagem. Suas trajetórias, construídas no teatro, na televisão e no cinema, deixam para as novas gerações de atrizes brasileiras uma herança que vai muito além de personagens inesquecíveis: deixam um modelo de compromisso com a arte.

Laura Cardoso construiu uma carreira marcada pela disciplina, pela versatilidade e por uma extraordinária capacidade de compreender a humanidade de cada personagem. De protagonistas a papéis secundários, nunca tratou uma personagem como pequena. Sua presença ensinou que a grandeza de uma atriz não está apenas no tamanho do papel, mas na profundidade com que ela o habita. Para as jovens intérpretes, sua trajetória é uma verdadeira aula de ofício, resistência e respeito pelo palco e pelo público.

Glória Menezes, por sua vez, tornou-se referência de elegância, força e naturalidade diante das câmeras. Sua carreira ajudou a consolidar a televisão brasileira como espaço de dramaturgia de alto nível e mostrou que popularidade e excelência artística podem caminhar juntas. Ao longo de décadas, soube renovar sua interpretação sem perder a identidade, construindo personagens que permanecem na memória coletiva.

O legado das duas também está na longevidade. Em uma indústria frequentemente seduzida pela novidade e pela juventude, Laura e Glória demonstraram que a experiência não diminui o talento: amplia-o. Cada década acrescentou novas camadas às suas interpretações e reafirmou o valor de uma atriz que conhece o próprio instrumento e continua disposta a aprender.

Para as novas gerações, talvez essa seja a principal lição. Mais do que buscar a fama rápida ou a visibilidade imediata, é preciso construir uma trajetória. Estudar, experimentar, errar, amadurecer e permanecer fiel à paixão pelo ofício.

Laura Cardoso e Glória Menezes deixam personagens, cenas e emoções. Mas deixam, sobretudo, um exemplo. O de que uma carreira artística se faz com talento, trabalho, coragem e tempo. E, quando esses elementos se encontram, a atuação deixa de ser apenas profissão para se tornar patrimônio cultural.

OPINIÃO DO LEITOR

Luto nacional

Morreu, aos 98 anos, a atriz Laura Cardoso, um dos maiores nomes da televisão brasileira, uma artista eterna, uma das maiores lendas da atuação, uma carreira grandiosa, uma história que o Brasil jamais esquecerá e um verdadeiro ícone da cultura nacional

José Ribamar Pinheiro Filho, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: marceloperillier@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Afonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 Whatsapp: (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO
Av. João Cabral de Mello Neto
850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP
22775-057

BRASÍLIA
ST SIBSQuadra 2 conjunto B
Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

SÃO PAULO
Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317,
Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51,
Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal